

Resenha do livro:

SCALCON, Suze. À procura da unidade psicopedagógica: articulando a psicologia histórico-cultural com a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP. Autores Associados, 2002.

Resenha de:

Patricia Lopes Fernandes
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

O livro, resultado da dissertação de mestrado da autora, trás, segundo Dermeval Saviani, contribuição de grande relevância para a construção e o desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. Organizado em três capítulos e conclusão faz um percurso resgatando as relações entre psicologia e educação, a história da psicologia e sua construção enquanto ciência e uma apresentação das concepções críticas de educação. Finalmente, realiza a apresentação e análise das correlações entre a psicologia histórico-cultural e pedagogia histórico-crítica e do modo como se pode chegar à unidade psicopedagógica.

Para atingir o objetivo do primeiro capítulo, que é o de chegar à psicologia histórico-cultural, a autora destaca as quatro tendências da psicologia, ou seja, as concepções filosófico-epistemológicas que constituem a história da evolução do pensamento humano como as bases sobre as quais se assentou o crescimento dos estudos científicos sobre o desenvolvimento cognitivo, ressaltando em cada uma dessas tendências as repercussões na educação e na prática pedagógica.

A primeira tendência apresentada é o *objetivismo*. Com profunda inspiração em Platão é "... uma orientação filosófica que somente admite a existência de determinado princípio espiritual, o qual é identificada como uma espécie de razão superior que se diferencia da consciência humana por seu teor universal e divino (SCALCON, 2002 p. 18) e tanto as coisas materiais como as idéias são geradas fora da experiência humana (inatismo). Os estudos psicológicos tiveram seu objeto sob o domínio da filosofia (fase pré-científica). Em 1879, Wilhem Wundt cria o primeiro laboratório de psicologia do mundo, na Alemanha, e é considerado o primeiro psicólogo da história da psicologia. Dando sequência aos seus estudos Edward Bradford Titchener, que buscava afirmar a necessidade de objetividade na psicologia. A biologia influenciou muito a psicologia, tratava-se de aplicar as mesmas leis aos fenômenos da natureza e aos de ordem psíquica – surgem os testes psicológicos e de inteligência. John Dewey e Skinner se preocuparam com o comportamento humano, e essa tomada do comportamento como objeto teve como justificativa o fato de somente o comportamento ser observável, controlável e previsível, deixando de lado o conceito de consciência – por considerar esse inútil e incorreto. O behaviorismo, com a realização de experiências sobre a aprendizagem, motivação e desenvolvimento individual foi confundido com uma teoria da aprendizagem.

A psicologia se origina então, tanto como uma ciência instrumental, com o objetivo de determinar leis gerais que regem o comportamento humano, ou seja, uma ciência capaz de adaptar os indivíduos a normas, regras, etc. e promovera equalização social e que leva em conta, principalmente na educação, o princípio de igualdade entre os homens – a psicologia se liga a educação através das necessidades das sociedades industriais.

O *subjetivismo* é a segunda tendência apresentada pela autora, com importante referencial em Kant ele apenas reconhece a existência do eu humano, sua consciência e existência espiritual – o mundo material é a percepção que se possa ter dele mesmo. De acordo com essa tendência todas as coisas são criadas pela consciência e baseadas na

experiência, ou seja, a consciência humana é resultado de sensações subjetivas. Na psicologia subjetivista há predominância do sujeito e de sua liberdade individual. É com Franz Brentano, através do desenvolvimento do conceito de intencionalidade que se rompe com a psicologia da conduta e se enfatiza a importância do estudo do ato mental. Dentro dessa tendência pode-se destacar os gestaltistas (de origem alemã), para essa corrente a experiência e o comportamento não podem ser analisados como elementos da consciência. No âmbito educacional pode-se dizer que essa tendência está representada no movimento da Escola Nova que desenvolve capacidades produtivas sociais (forma indivíduos capacitados para o trabalho industrial).

A terceira tendência é o *interacionismo*, e foi Piaget quem inaugurou uma nova forma de conceber o homem na sua relação com o conhecimento. Com a epistemologia genética ele muda o questionamento de “o que é o conhecimento” para “como crescem e evoluem os conhecimentos”. É da interação SUJEITO-OBJETO que o conhecimento é resultante, nesse sentido a ação é fundamental. Considera o desenvolvimento cognitivo dependente de fatores como a maturação do sistema nervoso, a experiência física e o ambiente social. E o resultado desse desenvolvimento são estruturas biológicas sensoriais e neurológicas, desenvolvendo os estágios de desenvolvimento. E, apesar dos imensos avanços em seus estudos, muitos pesquisadores, a partir dos estudos de Piaget farão críticas às lacunas existentes em seu trabalho.

Embora Piaget tenha enfatizado a importância do meio nos processos de desenvolvimento cognitivo, detendo-se na contribuição do sujeito nas suas trocas com o meio, deixou de lado a relação inversa, possível e necessária, que é a contribuição do meio na estruturação da consciência. (SCALCON, 2002 p. 43)

Portanto, as três orientações filosófico-epistemológicas apresentadas até então não levam em consideração a dimensão histórico-social. E, por conseguinte, uma prática pedagógica nessa perspectiva se torna a-histórica e a-crítica, por não partir das situações concretas nas quais vivem os educandos. E o ato educativo e o trabalho pedagógico são considerados neutros.

E, por fim, e a mais importante para o estudo realizado, a *perspectiva histórico-cultural*, elaborada por Vygotsky, que se empenhou junto a um grupo de estudos a elaborar uma psicologia marxista, analisou, descreveu e explicou as funções psicológicas superiores levando em consideração as condições culturais, sociais e individuais do homem.

[...] o homem é um ser histórico que se constrói através de suas relações com o mundo natural e social. Mais do que isso, é um homem que se diferencia como espécie pela capacidade de transformar a natureza através de seu trabalho, por meio de instrumentos por ele mesmo criados e aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento histórico humano. (SCALCON, 2002 p. 51)

Sua elaboração teórica parte do social para o individual, leva em consideração o outro que interage com o sujeito e explicita a necessidade da mediação na relação sujeito - objeto. Um conceito importante desenvolvido por essa perspectiva é o de zona de desenvolvimento proximal, na qual Vygotsky descreve enquanto a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial e que através da mediação de uma pessoa mais capaz irá se desenvolver. Tendo, portanto, a educação escolar uma importância fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Outro levantamento histórico realizado pela autora é o das principais obras que embasaram a elaboração da pedagogia histórico-crítica, para isso a mesma aborda

rapidamente os pressupostos fundamentais como a obra de Marx e Engels, que criticam a realidade social capitalista e seu sistema de classes que a partir dos determinantes sociais, ou seja, a estrutura sócio-econômica que condiciona o fenômeno educativo.

Outra referência são as três grandes obras francesas de Althusser, Bordieu e Passeron e Baudelot e Establet. O primeiro introduziu o conceito de aparelhos ideológicos do Estado e de aparelhos repressivos do Estado e a escola, como aparelho ideológico teria como função a reprodução da sociedade. Já Bourdieu e Passeron, desenvolveram a teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica, na qual a escola era o instrumento mais adequado para reproduzir a ideologia do sistema e as relações de produção. E Baudelot e Establet, concluíram que existem duas grandes redes de escolas, uma para a burguesia e outra para o proletariado.

E, apesar do seu caráter reprodutivista essas teorias abriram o horizonte para o surgimento de iniciativas comprometidas com o rompimento do papel desempenhado pela escola na sociedade capitalista.

Outro trajeto elaborado pela autora é a breve explicitação das três teorias críticas educacionais que mais se destacam – a pedagogia libertária, a pedagogia libertadora e a pedagogia histórico-crítica.

Essas teorias tem se destacado pelo empenho em encontrar caminhos e formas de intervenção para que a escola contribua para a transformação da realidade social opressora e alienante imposta pelo sistema capitalista de produção. (SCALCON, 2002, p. 71)

A pedagogia libertária tem sua origem no movimento anarquista moderno. O anarquismo (ausência de autoridade) opõem-se a qualquer forma de governo e postula a liberdade e a igualdade para uma sociedade na qual o povo exerça ação direta a partir de suas vontades e necessidades, esse movimento se desenvolveu questionando a ordem social existente a partir de um projeto próprio de criação de uma nova ordem social. A educação dentro dessa ordem ocupa uma posição estratégica no processo revolucionário – formação de novos homens – é a busca por um tipo de educação racional na qual deve ocorrer a progressiva abolição da autoridade em benefício da liberdade, e sua prática educativa é identificada como prática social.

A pedagogia libertadora tem suas raízes na prática educativa desenvolvida por Paulo Freire, que desenvolveu projetos experimentais de educação com adultos analfabetos. Suas idéias surgem a partir da análise das condições concretas da realidade estrutural brasileira. A partir dessa crítica desenvolve o conceito de consciência transitiva crítica (na qual o povo passa a fazer profundas interpretações de problemas sociais) e critica a educação bancária praticada pela pedagogia capitalista.

E, para uma aproximação da pedagogia histórico-crítica, a autora passeia pelo levantamento das principais obras de seu criador. A autora discorre sobre a trajetória de Saviani ressaltando sempre sua preocupação em compreender os rumos históricos da educação no Brasil e apresentar alternativas capazes de atribuir à educação sua real função.

Apoiada no pensamento marxista, a pedagogia histórico-crítica revela sua fundamentação à medida que são desenvolvidas suas análises sobre os problemas da educação brasileira, não se encontrando, dessa forma, um momento ou um texto específico que trate propriamente de sua fundamentação teórica. (SCALCON, 2002 p. 91)

Enfim, pode-se concluir que os fundamentos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico crítica são os mesmos, embasados na obra de Marx e Engels – materialismo histórico dialético – que apesar de não ter desenvolvido ou apresentado uma

pedagogia materialista podem ser encontrados em sua obra um texto explicitamente pedagógico do qual se pode destacar: a educação para todos (pública, gratuita, laica e obrigatória); ensino estatal sem o controle o governo; unidade entre educação e sociedade e superação da divisão de trabalho material e não material.

A principal preocupação da psicologia histórico-cultural com a educação diz respeito ao desenvolvimento e a aprendizagem, e de acordo com essa teoria a escola é o local privilegiado, pois a aprendizagem escolar se diferencia da aprendizagem pré-escolar (aquela que se aprende antes de ingressar na escola) por ter como função proporcionar o acesso ao conhecimento cultural e científico produzido pela história social da humanidade. E, levando em consideração o conceito de zona de desenvolvimento proximal, encaminha para a definição de uma prática pedagógica coerente com o propósito de desenvolver e promover o desenvolvimento integral do indivíduo.

E a preocupação central da pedagogia histórico-crítica com a educação, a partir de sua proposta pedagógico-metodológica, tem como ponto de partida e como ponto de chegada à prática social, passando pela problematização (questionamento), instrumentalização (apropriação dos instrumentos teóricos e práticos para a resolução do problema) e catarse (assimilação objetiva da estrutura do real). Sempre levando em consideração que, para Saviani, a natureza da educação é a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações.

Contudo, segundo a autora, as bases psicológicas de uma teoria educativa são importantes, pois possibilitam uma compreensão que sustenta a atividade escolar de forma a guiar ações e práticas pedagógicas na definição de escolhas, na orientação de atitudes, na sustentação de propostas e na defesa de valores ético-políticos do professor. E a psicologia é fundamental para a pedagogia, na medida em que analisa, explica e descreve como se processa o desenvolvimento cognitivo (formação das diversas funções psicológicas superiores).

Considerando-se o grau de identidade filosófico-epistemológica e o nível de articulação ético-política que aproximam as decorrências do pensamento de Saviani e de Vygotsky em relação à educação escolarizada, poder-se-ia dizer que a base psicológica da pedagogia histórico-crítica é a própria psicologia histórico-cultural. (SCALCON, 2002 p.134)